

MEDIDAS DE LIMIAR DE CONTRASTE PARA ESTÍMULO ANGULAR EM CRIANÇAS SURDAS E OUVINTES.

Jandilson Avelino da Silva⁽²⁾, Emília Suitberta Oliveira Trigueiro⁽¹⁾, Priscilla Anny de Araújo Alves⁽²⁾, Éllen Dias Nicácio da Cruz⁽²⁾, Liana Chaves Mendes⁽³⁾, Natanael Antonio dos Santos⁽³⁾.
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Departamento de Psicologia/ Laboratório de Percepção, Neurociências e Comportamento (LPNeC)/EXTENSÃO.

O nosso laboratório (LPNeC – UFPB) vem utilizando a função de sensibilidade ao contraste (FSC) para caracterizar e acompanhar possíveis alterações na percepção visual da forma de crianças, adultos e idosos (com e sem patologias ou deficiências). A sensibilidade ao contraste é o inverso do limiar de contraste que é definido como a quantidade mínima de brilho necessária para detectar um objeto. A FSC descreve o desempenho do sistema visual (SV) em níveis diferentes de contrastes (baixos, médios e altos), o que a torna um dos principais indicador dos fatores neurais da visão e um instrumento importante na avaliação teórica e clínica do SV. Baseado na idéia de que a privação ou a debilidade em uma modalidade sensorial pode simultaneamente demandar aumento sobre a atividade de modalidades intactas, o presente estudo comparou a resposta do sistema visual de crianças ouvintes e com deficiência auditiva. Participaram da pesquisa 14 crianças (sete surdas e sete ouvintes), na faixa etária de 08 a 11 anos, com acuidade visual normal ou corrigida. A curva de sensibilidade ao contraste para frequências angulares (FSCa) foi estimada utilizando as frequências angulares de 3,0; 24,0 e 96,0 ciclos/360°. Cada frequência foi estimada pelo menos duas vezes em dias diferentes por cada criança. Todas as medidas foram obtidas a uma distância de 150 cm da tela do monitor de vídeo digital LG de 19 polegadas, binocularmente, usando o método psicofísico da escolha forçada. Durante o procedimento, pares de estímulos foram gerados, um contendo uma das frequências angulares acima e o outro somente um círculo cinza com luminância média (42 cd/m²). O participante foi orientado a escolher sempre o estímulo que continha a frequência angular. O critério adotado para mensurar cada uma das curvas foi o de três acertos consecutivos para diminuir uma unidade de contraste e de um erro para aumentar a mesma unidade (0,08 %). Os participantes eram orientados, antes da sessão experimental a pressionar o botão esquerdo do mouse quando julgavam que o estímulo de teste era apresentado primeiro e o botão direito do mouse quando julgassem que o estímulo de teste era apresentado em segundo lugar, isto é após o estímulo neutro. As instruções às crianças surdas foram dadas em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Os resultados mostraram uma diferença significativa entre estes dois grupos [$F_{(1,166)} = 6.843$; $p < 0.05$]. Assim estes resultados sugeriram que as crianças ouvintes percebem frequências angulares baixas melhores do que crianças surdas. Pesquisa suportada por CNPq e PROBEX-UFPB.

PALAVRAS – CHAVE: Crianças; Surdos; Função de Sensibilidade ao Contraste; Estímulo Angular

⁽¹⁾ Aluno(a) Bolsista; ⁽²⁾ Aluno(a) Voluntário(a); ⁽³⁾ Prof(a) Orientador(a)/Coordenador(a); ⁽⁴⁾ Prof(a) Colaborador(a);
⁽⁵⁾ Servidor Técnico/Colaborador

